

PARTILHANDO OLHARES SOBRE AS CRIANÇAS PEQUENAS: REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Beatriz Cerisara *

Alessandra Mara Rotta de Oliveira*

Andréa Simões Rivero*

Rosa Batista*

Este trabalho é fruto das inquietações vividas durante o primeiro de semestre 2002 por um grupo de professoras responsáveis pela orientação da disciplina de Estágio Supervisionado I do Curso de Pedagogia/Habilitação Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina junto a creches e pré-escolas. A habilitação existe na UFSC desde o ano de 1980, e pode-se dizer que durante esse período os estágios têm sido encaminhados de diversas maneiras. Desde 1995, a Habilitação em Educação Infantil acontece durante as duas últimas fases do curso, cujo estágio se divide em dois momentos: na sétima fase, a disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil I, com quatro créditos e, na oitava fase, a disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, com dezesseis 16 créditos.

Os questionamentos e inquietações decorrentes das discussões feitas a partir dos estágios já realizados e dos resultados de pesquisas sobre os Profissionais de educação infantil, as crianças e as culturas infantis é que geraram a construção deste texto. Ele está estruturado em duas partes: em primeiro lugar, situamos o debate em torno da pedagogia da educação infantil e da centralidade das crianças nesse contexto; em seguida, refletimos sobre a possibilidade de o estágio se consolidar como espaço de aproximação das crianças pequenas e de investigação e produção de saberes em torno das crianças e da Pedagogia da Educação Infantil.

AS CRIANÇAS E A PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Somos criaturas extremamente complexas, fechadas, desconfiadas;

e nem a bola de cristal nem o olho do sábio lhes dirão

qualquer coisa a nosso respeito,

se vocês não tiverem confiança em nós...

Janusz Korczak

O movimento que a educação infantil vem fazendo nos últimos anos é o de romper com uma visão adultocêntrica de criança e encontrar formas de captar as suas práticas sociais, ofuscadas pelas práticas escolarizadas ainda fortemente presentes no contexto educativo da creche e da pré-escola. Esse movimento se configura como uma possibilidade de construção de uma “Pedagogia da Infância”, cujo objeto de preocupação é a própria criança: seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, suas culturas, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais“.

É nesse sentido que vem sendo construída a Pedagogia da Educação Infantil, com o objetivo de delimitar a especificidade do trabalho de forma diferenciada junto às crianças de 0 a 6 anos de idade em instituições de educação infantil, cujas práticas sociais são distintas das práticas domésticas, escolares e hospitalares, como indica Rocha:

"Enquanto a escola se coloca como espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de educação infantil se põem sobretudo com fins de

complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o aluno e como o objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas através da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas no espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento que entra na escola)”.

É preciso, portanto, repensar o foco do trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil, que tem sido centrado muito mais na prática dos adultos do que nas práticas das crianças. Não estamos dizendo que um deva se sobrepor ao outro, mas sim que devemos incluir em nossas reflexões sobre a educação infantil um aspecto fundamental –os direitos das crianças de serem consultadas e ouvidas, de exercerem sua liberdade de expressão e opinião, e o direito de tomarem decisões em seu proveito. Outrossim, uma Pedagogia da Infância e, mais precisamente, uma Pedagogia da Educação infantil teria como um de seus princípios buscar a voz das crianças pequenas sobre a sua vida, vivida no contexto das instituições de educação infantil.

Segundo pesquisas recentes, como as de Batista (1998), Prado (1999), Búfalo (1997), Oliveira (2001) e Coutinho (2002), a busca por uma inteligibilidade das infâncias e dos sujeitos que compõem esta categoria social requer um olhar inverso ao que historicamente nos tem marcado: o de que as crianças são “vir a ser”, “tábula rasa”, “rastros vergonhosos de nossa natureza corrupta e animal”, “inocência em forma humana”, etc. Esse outro olhar que estamos nos propondo construir exige a compreensão de que as crianças à sua moda compreendem o mundo que as cerca. Portanto, são sujeitos completos em si mesmos, que pensam, se expressam criativamente e criticamente sobre o espaço institucional onde são educadas e cuidadas. São sujeitos conscientes de sua condição e situação e se expressam de múltiplas formas.

No entanto, é importante ressaltar o quanto ainda estão por ser conhecidos os jeitos das crianças se expressarem. Historicamente temos dirigido nosso olhar e nossa escuta mais para as falas das crianças, para sua linguagem oral. É interessante observar que dessa forma continuamos privilegiando aquelas manifestações das crianças que se assemelham ao modo como os adultos se expressam, desconsiderando suas outras linguagens. Compreendê-las na sua singularidade, nas suas diversidades, nos seus jeitos de ser, exige que nós encontremos novas formas de aproximação aos universos infantis presentes em nossas instituições, considerando que esses universos são compostos por todas as dimensões do humano, por todas as formas de produção e manifestações culturais.

A perspectiva da Pedagogia da Educação Infantil tem indicado a necessidade de colocar a criança como ponto de partida para a organização do trabalho pedagógico e de ensaiar uma aproximação aos universos infantis buscando estranhar o que parece familiar, pois todos os dias vemos as crianças brincando, chorando, dormindo, comendo, desenhando... e isto não tem ressonância, não tem eco na organização do trabalho pedagógico. Conseqüentemente estes e tantos outros dos seus modos de viver não têm sido considerados pontos relevantes para refletirmos sobre a organização do cotidiano das crianças e o viver da infância nas instituições de educação infantil.

A proposta de uma aproximação aos universos infantis e às crianças pode ser lida como um encontro entre os adultos (professores e estagiários) e a alteridade da infância. Esse encontro não apenas coloca o Outro em evidência, como possibilita o encontro com o Outro que existe em cada ser humano. Outro que, segundo Pereira & Souza (1998), na contemporaneidade é insensivelmente descartado em nós. Dessa forma, a questão do olhar torna-se fundamental para retomarmos o tema da alteridade: “o olhar convoca nossa

dimensão ética na relação com o outro” (Amorim 1997). Ao reconhecer a diferença no "Outro", recuperamos a ignidade de nos reconhecermos nos nossos limites, nas nossas faltas, na nossa incompletude permanente, enfim, em tudo isso que é essencial e verdadeiramente humano e, ao mesmo tempo, inefável (grifos nossos). Tomando as crianças enquanto Outro, instaura-se nesse processo o desafio de redirecionar o olhar, romper com as perspectivas pelas quais culturalmente aprendemos a enxergá-las e que mencionamos anteriormente: incompletas, sem fala, um vir a ser, seres assexuados, inocentes.... Na construção desse outro modo de ver, é necessário ainda, como falam Larrosa & Lara, apreender "a imagem do Outro não como a imagem que olhamos, mas como a imagem que nos olha e nos interpela". Neuza Gusmão diz que é por via desse olhar interpelador que a cultura e a alteridade desvelam as múltiplas linguagens do social. Linguagens essas que podem tornar-se "invisíveis aos olhos e ouvidos" diante de percepções da realidade dadas como universais, verdadeiras e únicas.

Essa perspectiva nos possibilitaria ver a infância e as crianças enquanto "o Outro de nossos saberes, perante o qual devemos nos colocar em posição de escuta". Da mesma forma, Manuel Pinto descreve as crianças enquanto sujeitos conscientes de seus sentimentos, idéias, desejos e expectativas, sendo capazes de expressá-los desde que haja quem os queira verdadeiramente escutar e ter em conta. E ainda, continua o autor, existem realidades sociais que só sob o ponto de vista das crianças e de seus universos específicos podem ser descortinadas, compreendidas e analisadas.

Compreender as crianças enquanto Outros, enquanto diferentes dos adultos, segundo Coutinho (2002), seria o primeiro movimento para pensarmos a sua educação de forma diferenciada, com espaços de educação e cuidado para tornar-se criança, espaços e tempos que oportunizem a elas protagonizar essa experiência na sua heterogeneidade. Entretanto, a diferença não pode ser entendida como o exótico e o não-permeável, pois se assim o fosse estaríamos nos afastando ainda mais da compreensão da infância vivida em creches e pré-escolas e da possibilidade de garantir às crianças vivências intensas nesses espaços.

POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DE UM OUTRO OLHAR SOBRE AS CRIANÇAS PEQUENAS.

A proposta do Estágio na formação dos professores da educação infantil constitui-se atualmente como um caminho para a construção de um outro olhar, entendendo a Creche e a pré-escola como um espaço de produção de pesquisa e conhecimento dos universos infantis. Não um olhar a priori, como pensávamos, fixado na incompletude/"falta" das crianças, ...não um olhar como aquele que nos fez construir práticas prescritivas e normativas para a infância, práticas que dificultam a visibilidade de uma parte significativa do universo infantil, aquela parte que, do ponto de vista dos adultos não merecia ser olhada, investigada, e por isso não se tornava ponto de partida para pensar a organização do cotidiano.

Essas partes significativas mas não qualificadas [pelos adultos] são manifestações da cultura das crianças. Cultura presente nas suas vivências intensas, nas experiências, descobertas, exploração dos sentidos, dos significados, das cores, da água, do ar, da terra, do fogo; dos desejos de tocar, mexer, desmanchar o que já estava feito; de fazer e refazer muitas e muitas vezes uma mesma coisa; de significar e ressignificar o mundo à sua moda; de correr, pular, contar e recontar o mesmo conto; de ler, escrever, cantar, dançar e pintar ao mesmo tempo; de chorar e rir num curto espaço de tempo; de viver diferentes papéis: de mãe, pai, filho, avô, avó, médico; de criar e recriar um mundo de fantasia e imaginação; de pintar a realidade, desenhar o mundo, desejar, brincar de faz-de-conta,

transformar uma caixa de papelão num tesouro, uma árvore numa floresta, um pneu num carro, um cabo de vassoura num cavalo, uma mesa numa casinha; de conversar sozinhas sem se importar com o mundo a volta delas, de viver no faz de conta a vida dos adultos.

A visualização e qualificação desses modos de viver criativa e intensamente a infância, considerando aspectos que muitas vezes ficam obscuros no olhar dos adultos e que são fundamentais para as crianças, estão presentes nas pesquisas de Oliveira (2001), Batista (1998) e Coutinho (2002). A análise das ações e reações das crianças diante do que é proposto pelo adulto contribui para perceber que suas práticas são constituídas pela simultaneidade de ações em que a participação corporal, gestual, cognitiva, motora, emocional, afetiva e individual se dá de forma indissociável. A lógica inerente à organização do trabalho pedagógico da instituição de educação infantil não valoriza as vivências simultâneas e plurais constitutivas das crianças pequenas. Mas a que se deve essa não-valorização? A reflexão de Machado nos auxilia a compreender tal situação: para a autora o termo pedagógico é na maioria das vezes utilizado em creches e pré-escolas para distinguir atividades “nobres” das menos “nobres”. Atividades que conferem maior status e cientificidade são chamadas de pedagógicas. São atividades como os jogos dirigidos, as colagens e desenhos coletivos ou, mais especialmente, atividades voltadas ao ensino da escrita e da leitura. Na perspectiva da autora, as atividades pedagógicas são aquelas que, no entender dos adultos, ensinam algo às crianças. No entanto, ela salienta que não é a atividade em si que ensina, mas é a possibilidade de interagir, de trocar experiências e de partilhar significados que possibilita às crianças o acesso a novos conhecimentos.

A construção desse outro olhar exige o abandono desse modelo histórico-social de educação escolar em que as manifestações culturais das crianças são consideradas, na maioria das vezes, como pouco educativas, não-formadoras de um adulto competente. O brincar, e em especial, as brincadeiras livres, parecem ser vistas como uma atividade menos nobre na creche e na pré-escola, porque não apresentam um produto e, conseqüentemente, não têm o caráter “pedagógico”. Mais ainda, na brincadeira, o adulto se vê destituído do papel de professor, de alguém que ensina, e o aluno não é mais aquele que aprende. Na brincadeira, o adulto não tem o controle do conteúdo e das aprendizagens. Não é ele quem decide as regras, o enredo, o cenário, o tempo, o produto. Portanto, a brincadeira, para ele, não tem validade como “atividade pedagógica”.

Essa atitude dos adultos, da maioria dos professores das crianças pequenas, parece revelar o quanto eles estão aprisionados por essa concepção de seu papel e do comportamento esperado das crianças no contexto das instituições de Educação Infantil. A forma como é feita a proposta e conduzida sua realização revelam fortes indícios da semelhança com as práticas escolares. O papel do professor e do aluno aparecem aqui cristalizados, imobilizados de uma tal maneira que a professora não consegue estar com as crianças. Ela apreze ter a responsabilidade de trabalhar com elas e isso é possível, se mantiver a aparência de uma “situação escolar”, de ensino-aprendizagem em que o adulto tem a tarefa de ensinar e as crianças a tarefa de aprender. Neste sentido, corrobora com o que Mariano Enguita diz: a “infância foi substituída pela alunância”.

Diante do que expusemos até aqui, a construção desse novo olhar no percurso de formação dos professores, em especial no Estágio, deve ter como princípio metodológico os próprios saberes das crianças, os saberes das alunas estagiárias, os saberes dos professores das crianças menores de 7 anos de idade e dos professores orientadores de estágio. Estes atores, estagiários e professores, estariam envolvidos no processo de observação, registro e reflexão acerca do cotidiano vivido pelas crianças pequenas no espaço da creche. Mais do

que a atividade, teríamos a criança como foco, como já nos apresenta Ostetto (2000). Num movimento contrário ao que temos construído e experienciado até aqui nos processos de estágio, os professores das instituições estariam na posição de observadores e investigadores dos jeitos de ser criança neste espaço de educação e cuidado de meninos e meninas de 0 a 6 anos de idade. Os estagiários e professores, agindo como pesquisadores, partilhariam suas impressões sobre a realidade captada, descobrindo diferentes olhares sobre uma mesma situação, e talvez formulassem diferentes proposições para ampliar os repertórios culturais dos grupos infantis de forma individual e coletiva. Este processo envolve a construção de um espaço efetivo de compartilhamento de diferentes olhares e saberes sobre as crianças pequenas.

A partir desses pressupostos, o Estágio não teria um caráter aplicativo, prescritivo e normativo das práticas de educação e cuidado das crianças de 0 a 6 anos de idade. Este processo, em vez de oferecer respostas e propostas, formularia perguntas sobre o cotidiano a partir do olhar das crianças pequenas, e provavelmente nos permitiria ampliar os saberes e compreensões dos jeitos de ser criança. Pensemos a partir disso sobre o cotidiano que se oferece para as crianças: Que espaços/tempos organizamos para as crianças dormirem? Que espaços/tempos oferecemos para elas brincarem? Que espaços/tempos dispomos para pensarem sobre seus próprios saberes, testarem suas hipóteses sobre o fogo, a água, a terra e o ar? Que espaços e tempos os adultos têm para observar, registrar, refletir e compreender as crianças pequenas?

Tal movimento de aproximação das crianças parece ser inerente e fundamental à formação de professores de crianças pequenas. A pesquisa de Rivero sobre a formação de professores de educação infantil no curso de Pedagogia da UFSC leva-nos a pensar sobre as especificidades da formação inicial em educação infantil, especialmente em virtude de o contato com crianças, na habilitação investigada, continuar se restringindo às disciplinas de Prática de Ensino (ou de Estágio). Entre essas especificidades está a necessidade de ver, de observar, de interagir com crianças, concomitante à participação em atividades acadêmicas que possibilitassem refletir a respeito desse contato. Pois a formação inicial, caracterizada predominantemente por atividades de cunho racional e verbal, talvez seja insuficiente para possibilitar a compreensão da criança e oportunizar a construção de uma rotina diversa do modelo escolar vigente e que respeite, como indica Batista, as crianças em seus tempos próprios e em suas diversidades de ritmos. É preciso conviver com crianças durante a formação em educação infantil, com o objetivo de iniciar uma aproximação de seus muitos modos de se expressar, ou seja, de dar sentido à compreensão de que a criança é um ser de múltiplas dimensões. Tal compreensão contribui para que pensemos a formação inicial como um espaço que introduz elementos para a construção de uma postura profissional de valorização de práticas como a observação, a discussão e a reflexão sobre os múltiplos modos de expressão das crianças, instrumentos fundamentais da prática pedagógica em educação infantil. Além disso, uma aproximação de instituições em que convivem crianças pequenas e adultos talvez possibilite uma reflexão mais significativa sobre as condições concretas de vida das crianças e de suas famílias, sobre as condições de trabalho dos professores, sobre diferentes modelos de atendimento às crianças pequenas... Enfim, uma aproximação dos diversos elementos que constituem o universo das instituições de educação infantil.

Finalmente, gostaríamos de salientar que estas reflexões sobre o Estágio têm o propósito de colaborar para que os professores das instituições e os estagiários, partindo de suas próprias compreensões, comecem a pensar na proposição de uma Pedagogia da

Infância, pedagogia esta que garante o direito à infância, mas não a qualquer tipo de infância, e sim a uma “infância inteira, aberta e solta como aquela com a qual Portinari nos presenteou” na obra “O menino” . Uma proposta de buscar as vozes, os jeitos de ser das crianças pequenas e suas impressões sobre a vida vivida (considerando as dimensões e relações humanas, espaciais e culturais que interferem nesse viver) durante as duas mil e quatrocentas horas por ano que passam nas instituições de Educação Infantil se faz mais instigante e necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Rosa. A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- BUFALO, Joseane Maria Parice. Creche: lugar de criança, lugar de infância: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas. Campinas, SP. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- CERISARA, Ana Beatriz. A construção da identidade das profissionais de educação infantil: entre o feminino e o profissional. SP. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, 1996.
- _____. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? Revista *Perspectiva* n. 17, p. 11-24. Editora da UFSC : Florianópolis, 1999.
- COUTINHO, Ângela Scalabrin. As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- FARIA, Ana L. G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. de e PALHARES, Marina S. (org.) Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios. Campinas, SP: Autores Associados - FE/UNICAMP; São Carlos, SP: Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1999: 67-98.
- GOBBI, Márcia. Lápis vermelho é coisa de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil. Campinas, SP. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- GUSMÃO, Neusa Maria M. de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. In: Cadernos de Pesquisa. n. 107, julho, 1999: 41-78.
- KRAMER, Sonia & LEITE, Maria I. Infância e produção cultural. Campinas, SP: Papirus, 1998: 109 –129.
- KUHLMANN JR., Moisés. Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, Ana Lúcia G. de e PALHARES, Marina S. (org.) Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios. Campinas, SP: Autores Associados - FE/UNICAMP; São Carlos, SP: Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1999: 51-65.
- LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Péres de. (orgs.) *Imagens do Outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do possível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge & LARA, Nuria Péres de. (orgs.) *Imagens do Outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998:67-86.
- OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. Do outro lado: a infância sob o olhar de crianças no interior da creche. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.) *Encontros e desencontros na Educação Infantil*. São

Paulo: Papyrus, 2000.

_____. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.) Encontros e desencontros na Educação Infantil. São Paulo: Papyrus, 2000: 175-200.

_____. Andando por creches e pré-escolas públicas: construindo uma proposta de estágio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.) Encontros e desencontros na Educação Infantil. São Paulo: Papyrus, 2000: 15-30.

PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (coord.) As crianças- Contextos e Identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997: 07-28.

PRADO, Patrícia D. Educação e cultura infantil em creche: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um CEMEI de Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1998.

RIVERO, Andréa Simões. Da Educação Pré-escolar à Educação Infantil: um estudo das concepções presentes na formação de professores no Curso de Pedagogia. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

ROCHA, Eloisa Candal. A Pesquisa Em Educação Infantil No Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1999.

SARMENTO, Manuel J. & Pinto, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (coord.) As crianças - Contextos e Identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997: 07-28.

SOARES, Natália Fernandes. Direitos da criança: utopia ou realidade? In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (coord.) As crianças - Contextos e Identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997: 75-112.

SOUZA, Solange Jobim & PEREIRA, Rita Marisa R. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (org.) Infância e produção cultural. Campinas, SP: Papyrus, 1998: 25-42.